

Entre contos e crônicas: como o jornalismo esportivo criou o Tupi "Fantasma do Mineirão" e Sport "Campeão do Centenário" de Juiz de Fora ¹

Matheus Tamaino Brum ²

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo mostrar como que os jornalistas do *Diário Mercantil*, principal jornal de Juiz de Fora (MG), durante décadas, construíram as identidades "Fantasma do Mineirão", do Tupi, e "Campeão do Centenário", do Sport. O Tupi, em 1966, venceu todos os times de Belo Horizonte no recém-inaugurado Mineirão. Já o Sport levantou o troféu do Campeonato do Centenário, em alusão aos 100 anos da cidade em 1950. Além destes dois momentos, também é abordado parte da história do futebol local através das páginas de outros jornais, no início do século XX, quando a bola chega em Juiz de Fora. O trabalho foi todo feito no Acervo Municipal, lendo e relendo os jornais dos anos citados. É uma mostra de como o jornalismo esportivo constrói lendas e figuras ao longo da sua História.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; História do Futebol de Juiz de Fora; Memória do Futebol; Tupi Fantasma do Mineirão; Sport Campeão do Centenário.

1. Introdução

O futebol é o esporte mais popular do Brasil nos dias de hoje. No entanto, um longo caminho foi percorrido para que a bola e o gramado fizessem parte do cotidiano da vida do brasileiro. Del Priore e Melo (2009, p. 12) mostram que as primeiras práticas esportivas chegaram ao país na primeira metade do século XVIII. E quem as trouxe foram os padres Jesuítas, que chegaram no Brasil com o objetivo de catequizar os índios que viviam nestas terras.

¹ Trabalho apresentado no GT - Histórias e Memórias do 4º Simpósio Internacional de Estudos do Futebol.

² Mestrando no programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora e autor do livro "Entre Contos e Crônicas: Tupi o 'Fantasma do Mineirão' e Sport 'Campeão do Centenário' de JF. e-mail: matheustbrum@gmail.com

No início, as práticas esportivas tinham um aliado: o cavalo. E logo as competições de turfe, conhecida popularmente como corrida de cavalos, começou a ganhar destaque na imprensa, que iniciava seus trabalhos no Brasil. Melo (2009, p. 16) conta que os jornais *Gazeta do Rio de Janeiro* e *Diário Fluminense*, destacavam os eventos que ocorriam na então capital da Colônia.

Com o passar do século XIX, começaram a aparecer veículos de comunicação voltados exclusivamente para a cobertura esportiva, como o *Sol e Sombra*, que trazia reportagens sobre o touro, animal que passou a ser usado em muitos eventos, mesmo sendo proibido pelo Império.

Foi no final do século XX que a bola aparece no Brasil. Inventado na Inglaterra, rapidamente se popularizou, principalmente na classe operária inglesa, segundo Franzini (2009, p. 36). Chales William Miller, filho de paulistas que estudava em Southampton, voltou ao país e trouxe na bagagem uma bola, um par de chuteiras, uma camisa de futebol e um livro de regras. Franzini (2009, p. 38) conta que depois da vinda de Miller, outros brasileiros que estavam na Inglaterra retornavam ao país trazendo a novidade que se tornava popular na Europa. E assim o futebol passou a se desenvolver em outras regiões do país.

Outro foi o carioca Oscar Cox, que conhecera o futebol durante os seus estudos no Collège de La Ville, em Lausanne, na Suíça, e, ao retornar ao Brasil, em 1897, também não deixou de incluir uma bola na sua bagagem. Poucos anos depois, em 1901, Salvador registraria a chegada de outro jovem com uma bola, Zuza Ferreira, vindo das terras britânicas. Em 1903, Guilherme de Aquino Fonseca, um ex-estudante da Hooton Lown School, na mesma Inglaterra, começaria a divulgar o futebol em Recife. No ano seguinte, na novíssima cidade de Belo Horizonte, Victor Serpa buscava companheiros para disputar o jogo que aprendera em sua temporada suíça. (FRANZINI, 2009, p.113)

Com o futebol se espalhando pelo país, os jornais começaram a publicar notas e reportagens sobre o esporte. Bezerra (2008, p. 25) recorda que que as principais notícias sobre o futebol foram divulgadas no *Jornal do Comércio* de São Paulo, em 1901. Bezerra (2008, p. 30) destaca que o esporte ainda era muito elitista, ao contrário da febre popular que iria se tornar nas décadas seguintes.

Mas, mesmo sendo praticado pelas classes mais altas da sociedade brasileira, o futebol foi encontrando seu espaço. Nove anos após as primeiras publicações em jornais, é criado a *Fanfulla*, jornal que trazia informações sobre o esporte para a colônia italiana que vivia em São Paulo. Segundo o jornalista Paulo Vinícius Coelho (2003, p. 18), a criação do periódico influenciou na fundação do Palestra Itália, que após a Segunda Guerra Mundial passou a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras.

Com o futebol entrando no gosto popular dois acontecimentos selaram, até os dias de hoje, a união entre o esporte e o jornalismo. Em 1918 começou a circular uma pequena coluna no jornal A Gazeta, de São Paulo, chamada de *Gazeta Esportiva*. Segundo o site da fundação Cásper Líbero³, a popularização foi tão rápida que em 24 de dezembro de 1928 começou a circular pelas bancas da capital paulista o suplemento *A Gazeta – Edição Esportiva*.

No Rio de Janeiro, que também via o futebol se popularizar principalmente com a participação de negros nas equipes, nasceu o primeiro jornal totalmente voltado para a cobertura esportiva em 1930: o *Jornal dos Sports*.

De lá para cá, em qualquer meio de comunicação que surgisse, o esporte, principalmente o futebol, passou a fazer parte e a ter jornalistas dedicados ao tema.

2. A imprensa esportiva em Juiz de Fora

A construção da relação entre imprensa e esporte em Juiz de Fora foi mais branda do que vimos nos grandes centros urbanos. Segundo Neiva (1993, p. 10) a cidade, no quarto final do século XIX, ainda florescia economicamente, já que havia sido alçada à condição de município poucas décadas antes, nos anos de 1850. Com a chegada do café, a região dava os primeiros passos para ser uma das principais zonas de exportação do produto no país. Com a vinda do capital, a imprensa encontrou espaço para se desenvolver.

Há uma divergência em relação ao número de periódicos que foram desenvolvidos no recém município de Juiz de Fora. “Entre 1870 e 1900, apareceram na cidade mais de

³ Disponível em: < <http://fcl.com.br/gazeta-esportiva/> > Acesso em: 15 de Agosto de 2022.

cem publicações, não incluindo algumas de vida efêmera que surgiram em vários Distritos” (OLIVEIRA, 1966, p. 180). Já Neiva (1993, p. 36) faz a contagem de 93 jornais, entre 1870 e 1922. Diferenças numéricas a parte, fica evidente como havia um público municipal que consumia as publicações jornalísticas da época.

Na sequência, em 22 de junho de 1870, surgiu o jornal “*O Imparcial*”. Os dois primeiros periódicos, segundo Neiva (1993, p. 40), tinham uma característica em comum: eram essencialmente políticos.

Em uma época de efervescência política no Brasil, que tinha acabado de sair da Guerra do Paraguai (1864-1870), e via nascer os primeiros partidos republicanos, contra a Monarquia vigente, as publicações visavam defender um ideal. Ainda de acordo com Neiva (1993, p. 42), “*O Imparcial*” tinha um cunho abolicionista. Porém, as duas gazetas, pertencentes a Assis Mendes Ribeiro, não duraram mais que seis meses.

Depois destas primeiras experiências jornalísticas, o município conheceu seu primeiro grande meio de comunicação, que viria a marcar a história da cidade nas suas primeiras décadas: “*O Pharol*”, fundado em 1871.

Apesar do número expressivo de publicações na época, o esporte era pouco divulgado. Araújo (2003, p. 24) mostra que entre o final do século XIX e o início do XX, poucas colunas foram dedicadas às notícias esportivas. No primeiro mês de “*O Pharol*”, nenhuma linha foi escrita sobre o tema.

Dez anos após a chegada do periódico na cidade, as primeiras notícias sobre esporte foram escritas, dando início, ainda em passos lentos, a criação do jornalismo esportivo na cidade.

Consta-nos que a comissão encarregada de promover junto do governo geral a aprovação dos estatutos da Sociedade de Animação, vai dar os precisos passos, para aquele fim. Compõem a dita comissão os Drs. Miranda Ribeiro, Horta Barboza e Ayres do Nascimento.” (*O Pharol*, Juiz de Fora, 03 mar. 1881. p.1. Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

Em 1886, o jornal “*Correio de Juiz de Fora*”, publicado as terças, quintas e domingos, divulgava as primeiras “corridas a pé” da cidade.

Estão marcados para o dia 28 do corrente as primeiras corridas a pé. Consta-nos que muitas famílias se preparam para assistir a esta festazinha dos alumnos do Collegio S. Salvador. Haverá 7 pareos nos quais correrão pequenos e médios. A inauguração das corridas a pé do Club Athletico S. Salvador, de que já demos notícia n'outro lugar virão assistir muitas pessoas e famílias de fora, segundo nos consta. Tudo promete que os estudiosos alumnos do collegio S. Salvador farão uma festazinha brilhante, digna de jovens e activos emprehededores como elles são. Ao club já foram oferecidos alguns prêmios para serem conferidos aos vencedores. N'outra secção publicamos o programa das corridas.” (*Correio de Juiz de Fora*, Juiz de Fora, 18 mar. 1886. p. 2 Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

O esporte nos anos finais do século XIX era tratado nos veículos como divertimento. Entretanto, os primeiros passos para um espaço exclusivo para o tema eram dados. O *Jornal do Comércio*, na publicação do dia 31 de janeiro de 1898, noticia uma matéria em seção própria, intitulada “Sport”.

O futebol, até então novidade no país, só chegou a ser noticiado em Juiz de Fora cinco anos depois da sua chegada. A primeira nota é encontrada na edição do dia 05 de abril de 1899, no “*Correio de Minas*”. A publicação destacava uma partida em Vienna d'Áustria, de um campeonato disputado entre estudantes ingleses e alemães.

Neste ponto, é necessário fazer um salto histórico. Apesar de não ter sido noticiado à época, hoje se sabe que o futebol chegou em terras juiz-foranas no início da década de 1890. Segundo reportagem publicada pelo repórter Bruno Ribeiro (2015) intitulada “Escola de MG tem registro de futebol antes da chegada de Charles Miller” no Portal Globo Esporte Zona da Mata, há registros do início da prática na cidade, mais precisamente no Instituto Metodista Granbery, localizado no bairro de mesmo nome, antes mesmo da introdução oficial do esporte no país.

Charles Miller é tratado como o pai do futebol brasileiro. A história, contada em vários livros, aponta ele como o homem que trouxe literalmente a bola para rolar em terras brasileiras, no fim do século 19, em 1894. A partida em que o São Paulo Railway venceu a São Paulo Gás Company por 4 a 2, em 14 de abril de 1895, em São Paulo, é o marco do primeiro jogo de futebol disputado no Brasil. Porém, os registros de uma instituição de ensino centenária de Juiz de Fora, cidade na Zona da Mata de Minas Gerais, mostram que é possível que a bola já estivesse rolando no país algum tempo antes. Está documentado que em 1893 - ou seja, dois anos antes do jogo registrado por Miller - dois

times de alunos disputaram uma partida nas dependências da escola. (RIBEIRO, 2015).

A versão contada por Ribeiro (2015) pode ser confirmada na publicação do “*Correio de Minas*”, no dia 14 de maio de 1920. O texto, escrito por “Elmo”, pseudônimo de Francisco Salles de Oliveira (que, posteriormente, seria um dos principais presidentes da história do recém-fundado Tupi Foot Ball Club), conta o processo da evolução do futebol em Juiz de Fora.

“Elmo” relembra o processo de criação do esporte e suas origens britânicas. Fala ainda sobre a chegada da bola em Juiz de Fora e a fácil adaptação aos alunos do colégio Granbery. Com o sucesso da prática, outras instituições da época resolveram seguir o mesmo caminho. O Academia de Comércio construiu seu próprio campo e deu início aos treinamentos.

Não demorou para que partidas entre os dois times começassem a acontecer. Os confrontos, segundo a publicação, foram importantes para a divulgação da prática entre os moradores juiz-foranos. Times como o Mineiro, Uranos, Guarany, Riachuelo, entre outros, nasceram inspirados nestes dois importantes colégios.

Foram jogos que empolgaram a todos, tal o ardor com que eram disputadas estas fortes luctas. Mas, com uma organização mais modelar, os granberyenses, quasi sempre venciam, erguendo dia a dia os créditos de seu grêmio. [...] Os granberyenses continuavam porém, leaders incontestáveis possuindo jogadores, que ficaram celebres, sendo ainda hoje recordados saudosamente. Dando início aos jogos com outros grêmios, já então existentes em Minas, em 1907, os representantes de ‘O Granbery’ obtinham memorável victória sobre os campeões de Barbacena. Já então estas luctas eram acompanhadas com mais interesse pelo público. [...] Durante este período a supremacia granberyense se fazia sentir de modo notável, seguida dos rapazes da Academia. Os granberyenses ainda, com o maior heroísmo, foram a Bello Horizonte e a Petrópolis, conquistando memoráveis triumphos, tornando o pavilhão de ‘O Granbery’ respeitado em todo o Estado” (*Correio de Minas*, Juiz de Fora, 14 mai. 1920. s.p. Acervo do projeto de Iniciação Científica, orientado pelo professor PhD. Márcio de Oliveira Guerra e o estudante Bruno Guedes).

A consolidação, aos poucos, do futebol em Juiz de Fora, abriu espaço para a criação de clubes, nos moldes do que eram fundados nos grandes centros urbanos. Assim, nasceram três dos que seriam as principais instituições esportivas da cidade: Tupynambás, Tupi e Sport.

3. Sport Club Juiz de Fora: O “Campeão do Centenário”

A história do futebol de Juiz de Fora, observada a partir da fundação dos clubes começa em 15 de agosto de 1911, com a criação do Tupynambás Futebol Clube. O Baeta, apelido surgido por causa do tecido de cor vermelha do seu uniforme, deu o pontapé inicial para as organizações futebolísticas na cidade. Segundo o jornalista Arides Braga (1977, p. 34), as primeiras reuniões da recém-criada instituição foram realizadas no Largo da Alfândega, atualmente Praça Antônio Carlos. No mesmo local havia um campo, onde a prática esportiva começava a ser desenvolvida.

O Tupi Foot Ball Club foi fundado oito meses depois, em maio de 1912. Quatro anos e quatro meses depois, precisamente no dia 24 de setembro de 1916 foi fundado o terceiro clube de futebol da cidade, o Sport Club Juiz de Fora. Em entrevista ao Programa Mosaico⁴, o jornalista Márcio Guerra relembra o início da história do clube

Tem um conflito em relação à sua data. Algumas pessoas defendem que o clube foi fundado no dia 24 de setembro e outras no dia 16 de setembro. Mas o certo é que foi um grupo de pessoas que fundou uma associação chamada “Chat Noir”, e que deste grupo, que se reunia na Rua Santo Antônio, antiga reitoria da UFJF, onde foi a primeira sede do clube. [...] se criou um time de futebol. (PROGAMA MOSAICO, 2016)

Braga (1977, p. 36) corrobora esta versão, dizendo que na época, em um encontro entre Joaquim Cruzeiro do Nascimento e José Procópio Teixeira (futuro patrono do clube), ficou acertado o uso do campo localizado na rua Santo Antônio para a fundação da seção de futebol do Comercial Clube. Após esta conversa, Joaquim convidou Antônio Mourão Guimarães para ser o presidente do departamento. Abril Araújo Alves (um dos criadores do “Chat Noir Foot-Ball Club) propôs então que o melhor seria fundar o Sport Club Juiz de Fora. Tendo o pedido acatado, o referido clube foi criado. Alves ficou com o cargo de diretor esportivo, enquanto Antônio Mourão se tornou o primeiro presidente, com Marinho da Rocha sendo vice-presidente; Arthur Vieira, tesoureiro, e Joaquim Cruzeiro do Nascimento, secretário.

⁴ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=1M5A9aXAlY> > Acesso em: 15 jun 2017.

Com o início da prática futebolística, a imprensa local começou a acompanhar os jogos realizados pelo Periquito, assim como a das outras equipes juiz-foranas. Graças aos colégios, que iniciaram a prática esportiva e, posteriormente, aos clubes, Juiz de Fora possuía quatro equipes, Tupynambás, Tupi, Sport e Renato Dias (fundado em março de 1917). A união e organização de seus diretores resultaram, em 22 de fevereiro de 1918, na fundação da Sub-Liga Mineira de Desportos Terrestres, sob a presidência do Coronel Renato Dias (BRAGA, 1977, p.59). Para celebrar, a Liga organizou o primeiro ‘Campeonato Citadino de Juiz de Fora’.

E logo no primeiro campeonato oficial, o Sport se sagrou campeão (também venceram o “Torneio Início”). Ao longo dos anos, o alviverde voltou a conquistar o torneio municipal nos anos de 1930, 1942, 1950, 1953, 1955, 1956, 1959, 1962, 1967 e 1968.

Braga (1977, p. 33) conta em seu livro que o alviverde era conhecido por ganhar títulos em grandes acontecimentos. Venceu o campeonato em 1918, ano que terminou a Primeira Guerra Mundial; em 1930, levantou o troféu no mesmo ano da Revolução da Aliança Liberal, que levou Getúlio Vargas ao cargo de Presidente da República; 12 anos depois, em 1942, ganhou o terceiro título, ano em que o Brasil declarou guerra aos países do Eixo (Alemanha e Japão), na Segunda Guerra Mundial, e, finalmente, em 1950, foi campeão no ano que Juiz de Fora comemorava o centenário.

1950 era especial para todos os juiz-foranos. Era o ano em que seria comemorado o centenário da emancipação política da cidade. Por isso, as páginas do jornal *Diário Mercantil* (1950) destacavam, quase que diariamente, obras e serviços que estavam sendo preparados em homenagem aos 100 anos de Juiz de Fora.

No futebol, dirigentes da Liga de Desportos de Juiz de Fora (L.D.J.F), presidida por Olavo Costa, com o apoio do prefeito de Juiz de Fora, Dilermando Cruz Filho, trouxeram o time do Santos-SP para enfrentar a seleção da cidade, em um amistoso em homenagem ao centenário. A equipe paulista venceu por 2 a 1 no dia 29 de maio.

Para demonstrar ainda mais a importância do ano de 1950 para os cidadãos juiz-foranos, algumas edições do *Diário Mercantil* (1950) vinham com a frase “ano do centenário do município”, depois do escrito do dia, mês e ano da publicação.

Naquela época era comum a realização de três campeonatos na cidade: o Torneio Início, disputado em apenas um dia, com tempo menor de duração das partidas; Torneio Municipal, jogado ora em um turno, ora em dois turnos, e o Campeonato Oficial, disputado em turno e retorno. As equipes que iriam participar das competições em 1950 eram Duque de Caxias, Sport, Tupi, Tupynambás e Volante. Todos de Juiz de Fora.

Uma reunião realizada na sede da Liga de Desportos de Juiz de Fora formalizou a tabela do Torneio Início. O *Diário Mercantil* (1950) noticiou que os confrontos iriam acontecer no campo do Tupi, em Santa Terezinha, e teriam duração de trinta minutos. A ordem dos jogos seria: Duque de Caxias x Sport; Volante x Tupynambás; Tupi x vencedor da primeira partida, e vencedor da segunda partida x vencedor da terceira partida. Em caso de empate no tempo regulamentar, o vencedor seria aquele que tivesse maior número de “corners” (escanteios). Caso a igualdade persistisse, a partida continuaria e o vencedor seria o time que marcasse o primeiro gol ou conseguisse o primeiro “corner” (escanteio).

O *Diário Mercantil* do dia 14 de março de 1950 trouxe o panorama de todos os jogos. O Sport começou bem, vencendo o Duque de Caxias por 2 a 0, na abertura do torneio. Na sequência, ganhou do Tupi por 1 a 0, gol de Tusinho. Na final, diante do Tupynambás, o Periquito perdeu por 1 a 0. Com o resultado, os Baetas repetiram o feito do ano anterior, em que também venceram o campeonato.

Como a cidade à época estava vivendo o clima pelas festividades do centenário, com o futebol não era diferente. Mas, ao contrário do que era visto nas outras páginas do *Diário Mercantil* (1950), em que sempre se destacava os 100 anos da cidade, na parte esportiva, pouco se usava o termo “Campeonato do Centenário”, como ficaria conhecido o Campeonato Oficial de 1950. A primeira referência do termo aconteceu apenas na edição do dia 23 de março, na matéria intitulada “*Os clubes amadoristas receberão o auxílio*”.

Finalmente, parece que a questão do auxílio da Prefeitura aos nove grêmios que disputaram o campeonato oficial, vai ser decidida. Como tivemos oportunidade de informar os clubes em questão, tendo à frente o sr. José Pereira Braga Filho, pai do Guarani, elaboraram um memorial ao prefeito local, no qual expunham as razões muito justas, do pedido da ordem do pagamento do auxílio votado pela Câmara em meados do ano passado. Na tarde de sexta-feira última, os

representantes dos clubes interessados conseguiram uma audiência e expuseram as suas pretensões ao prefeito, tendo o chefe do executivo local prometido que o pagamento será feito em dinheiro até o dia 15 do próximo mês. Isso permitirá que os clubes reequilibrem suas finanças, o que, sem dúvida alguma, aumentará o brilho do esperado “**CAMPEONATO DO CENTENÁRIO**” (*Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 23 mar 1950. p.4, c.7. Grifo feito pelo autor)

Com o passar dos meses, o termo foi mais utilizado, em decorrência do próprio andamento da competição, como será visto mais à frente.

Uma semana após o Torneio Início, começou o Torneio Municipal, prévia do Campeonato Oficial. De acordo com a edição do dia 04 de março de 1950 do *Diário Mercantil*, o certame ia ser disputado em turno único, com o vencedor sendo aquele que perdesse menos pontos. Naquela época, a vitória valia dois pontos, o empate um ponto e a derrota zero pontos.

Na partida inaugural, o clássico “Tu-Tu”, entre Tupi e Tupynambas. Jogando em casa, o alvinegro venceu por 1 a 0, gol de Cotoco. Antes de estreiar pela competição, contra o Volante, o Sport realizou um amistoso contra o Sete de Setembro de Belo Horizonte, no Estádio Procópio Teixeira, sendo derrotado por 2 a 1, de virada. Liquinho marcou o único gol da partida, de acordo com a crônica esportiva da edição do dia 30 de março de 1950 do *Diário Mercantil*.

O Sport iniciou o Torneio Municipal empatando com o Volante, em 4 a 4. Na sequência do torneio, o Tupi conseguiu a segunda vitória na competição, ao bater o Duque de Caxias, por 2 a 1, e o Tupynambás se recuperou da derrota na estreia, goleando o Volante por 4 a 1.

Precisando vencer para amenizar o empate da partida contra o Volante, o Sport recebeu o Duque de Caxias. Na publicação do dia 03 de maio de 1950 do *Diário Mercantil*, foi destacado que os periquitos ganharam por 3 a 0. Os gols da partida foram marcados por Nery, Vandeci e Liquinho.

Na semana seguinte à vitória do Sport, o Tupi empatou com o Volante em 2 a 2. Com o resultado, Periquitos e Carijós passaram a dividir a liderança da competição, com um ponto perdido. Após o confronto do alvinegro, o Torneio Municipal parou por aproximadamente um mês, devido a liberação de três datas para amistosos. O certame

municipal reiniciou com a vitória do Tupynambás por 3 a 2 contra o Duque de Caxias. O próximo confronto valia a liderança. Tupi e Sport se enfrentariam no Estádio Procópio Teixeira. “A equipe alvi-negra está embalada com seus espetáculos triunfos com o Bangu e em Ubá, Porto Novo e Três Rios, e o quadro do Sport vem de uma campanha galharda em canchas, espiritosantenses, tendo de lá retornado invictos” (*Diário Mercantil*, 15 jun 2017. p.4, c.1).

Segundo a mesma edição, uma vitória daria o título para o Tupi. Caso o Sport vencesse, teria que pelo menos empatar contra o Tupynambás, na rodada final. O esperado confronto terminou empatado em 2 a 2. Os periquitos abriram 2 a 0 no placar, com gols de Denoni e Liquinho. No final da primeira etapa, Sílvio marcou o primeiro tento carijó. Faltando seis minutos para o término da peleja, Sinhô empatou. Em decorrência de toda a expectativa criada, a renda foi a maior registrada em jogos entre times juiz-foranos. Segundo a mesma publicação, foram arrecadados Cr\$28.133,00.

Com o empate, a classificação do Torneio Municipal ficou com uma tripla liderança. Tupi, Sport e Tupynambás estavam com dois pontos perdidos. O título seria decidido no confronto entre Tupynambás x Sport, no campo do Baeta, no Bairro Costa Carvalho. Se a partida terminasse empatada, o troféu iria para o Tupi. Já a equipe que vencesse teria que enfrentar o carijó em um jogo de desempate. A peleja decisiva terminou empatada em 1 a 1. Assim, o troféu ficou com o Tupi.

Findado o certame, a L.D.J.F convocou os representantes dos cinco times aptos a disputar as competições do ano de 1950 para definir a tabela e regulamento do Campeonato Oficial. A edição do dia 12 de julho de 1950 do *Diário Mercantil* informou que a competição ia ser disputada em turno e retorno, com árbitros do Rio de Janeiro. Tupynambás x Tupi fariam a partida inaugural, assim como foi no Torneio Municipal. Na mesma publicação há a referência do termo “campeonato do centenário”.

Tabela 1: Quantidade de vezes que os termos “campeão do centenário” e “campeonato do centenário” foram utilizados

Mês	Citações
Julho	4
Agosto	2
Setembro	2
Outubro	9
Novembro	7
Dezembro	11
Total	35

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

A competição começou parecida com o Torneio Municipal, tendo o Tupi batido o Tupynambás por 1 a 0. O Sport jogou na segunda partida do Campeonato do Centenário, e venceu o Duque de Caxias por 2 a 1.

A sequência do campeonato ficou marcada por duas confusões em partidas do Tupi e relatadas pelo *Diário Mercantil* (1950). No confronto contra o Volante, no terceiro jogo do certame, o carijó venceu por 3 a 1, mas aos 33 minutos, os jogadores volantinos se irritaram com uma expulsão e ficaram parados em campo até o apito final. Na rodada seguinte, contra o Duque de Caxias, o jogo foi interrompido aos 41 minutos do primeiro tempo. O problema era o mesmo: os atletas, desta vez do Duque de Caxias, reclamaram da arbitragem e uma briga iniciou no gramado. O juiz terminou o embate e o Tupi foi declarado vencedor, sem ter sido realizado outro confronto.

Com o rival não perdendo nenhum ponto nas três primeiras rodadas, o Sport precisava vencer seus confrontos, para se manter firme na luta pelo título. No dia 27 de agosto, conseguiu uma vitória apertada contra o Volante, por 1 a 0.

O próximo encontro do alviverde pelo Campeonato do Centenário era justamente contra o Tupi. Como o alvinegro vinha de duas partidas com problemas de arbitragem, a edição de 16 de setembro de 1950 do *Diário Mercantil* fazia a seguinte pergunta: “Virá

um árbitro idôneo?”. O jornalista, na reportagem, pedia um juiz de nome, como Mário Viana (um dos principais do país), que apitou o mesmo confronto no Torneio Municipal.

Apesar da polêmica, nenhum erro grave de arbitragem foi registrado, e o Sport venceu por 3 a 0, com gols de Pirilo, duas vezes, e Vandeci.

Nas duas rodadas seguintes, de acordo com o *Diário Mercantil* (1950), o Sport venceu, deixando o clube mais próximo do título. Primeiro, bateu o Tupynambás, fora de casa, por 2 a 0. Onze dias depois, em 19 de outubro, goleou o Duque de Caxias, na época, vice-líder do certame por 7 a 2.

O Sport continuava na liderança, sem nenhum ponto perdido. Na segunda posição, vinha o Tupi, com quatro pontos perdidos, seguido de Tupynambás e Duque de Caxias, com seis pontos perdidos. Na lanterna, o Volante, com oito pontos perdidos (foi derrotado em todas as partidas).

Todavia, na pelega que poderia deixar o alviverde a uma partida do título, o Sport empatou, em casa, com o Volante em 3 a 3. Na sequência do torneio, confronto decisivo contra o Tupi. “Se vencer, ou mesmo empatar, o quadro do Sport será o campeão, e se o Tupi vencer, a situação dependerá do resultado do último jogo do campeonato, Sport x Tupynambás” (*Diário Mercantil*, 10 nov 1950. p.4, c.7).

Para aumentar a emoção do campeonato do centenário, a partida foi interrompida aos 35 minutos do primeiro tempo por causa da chuva que alagou o Estádio Salles de Oliveira, no Bairro Santa Terezinha (campo do Tupi). No momento que o jogo foi interrompido, o carijó vencia por 1 a 0, gol de Paulo Garcia. O restante do confronto foi disputado no dia seguinte, e o placar não se alterou. O resultado fez o Sport conhecer a primeira derrota na competição.

Com a vitória, o Tupi encerrou a participação no torneio, com cinco pontos perdidos. Faltava apenas uma rodada para encerrar o certame. Sport enfrentaria o Tupynambás em casa, enquanto o Duque de Caxias visitaria o Volante. Estes dois últimos não brigavam pelo título, já que estavam na vice-lanterna e lanterna, com nove e doze pontos perdidos, respectivamente. Contudo, o embate entre periquitos e baetas poderia definir o campeão, ou o adiamento da competição. Caso o Sport vencesse ou empatasse, seus jogadores ergueriam o troféu. Mas, se o ganhador fosse o Tupynambás, carijós e

alviverdes ficariam igualados na classificação (naquele momento os alviverdes tinham perdido três pontos e os rubros estavam fora da disputa pelo título, pois perderam sete pontos). “Neste caso, o campeonato terá que ser decidido entre os atuais líder e vice-líder em melhor de três” (*Diário Mercantil*, 17 nov 1950. p.4, c.8).

A partida, marcada inicialmente para 19 de novembro foi adiada duas vezes por causa das chuvas que assolavam Juiz de Fora, conforme noticiado nas edições dos dias 21 e 28 de novembro de 1950 do *Diário Mercantil*. A bola de fato rolou apenas dia 03 de dezembro, com Sport batendo o Tupynambás por 3 a 1 e conquistando o título mais importante da temporada.

Os “periquitos” venceram o importante jogo, por 3 a 1, e muito merecidamente, laureando-se com justiça **CAMPEÕES DO CENTENÁRIO**, título dos mais gloriosos do nosso futebol e que foi disputado renhidamente e só foi decidido no último jogo da sensacional competição. Das mais merecidas, a vitória do Sport, em jogo de tal importância e com um adversário de categoria foi o coroamento magnífico de uma campanha memorável, pelo seu brilho, que fizeram os alvi-verdes neste campeonato, de tanto relevo e significação. Os quadros da batalha final do campeonato de 1950 tiveram a formação seguinte:

SPORT – Mariano, Walter e Pedro; Lauro, Oswaldo e Nenem; Gino, Marino, Pirilo, Denoni e Liquinho.

TUPYNAMBÁS – Pavio, Sinval e Durval; Amaral, Gérson e Mossoró; Zú, Mateusinho, Ditão, Waltinho e Canhoto. (*Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 05 dez 1950. p.4, c.1. Grifo feito pelo autor)

4. Tupi Foot Ball Club e o “Fantasma do Mineirão”

No dia 26 de maio de 1912, um grupo de jovens se reuniu e deu início ao Tupi Foot Ball Clube. De acordo com a *Revista do Tupi* (1982, p. 6), a suspeita é que um racha dentro do Tupynambás abriu brecha para a criação de outro clube. Porém, esta versão nunca foi confirmada. Mais de quinze dias após a fundação, o fato foi destacado nos jornais de Juiz de Fora.

Com duas instituições fundadas, não demorou para que os primeiros confrontos entre ambos começaram a ocorrer. Pior para o Carijó, que não conseguiu emplacar bons resultados nos primeiros jogos de sua existência.

[...] na primeira partida, um empate por 1 a 1, no campo da Alfândega, hoje Praça Antônio Carlos. Dias depois, em uma nova partida, o Tupy conhecia sua primeira derrota, de 1 a 0 para o mesmo Tupynambás. Inconformada com a derrota, a equipe Carijó pediu uma revanche [...] e a primeira vitória do Tupy viria nessa partida, 4 a 0. O time alvinegro neste jogo contou com: Bamback, Caetano e Antônio Jung; Vasco, Hernani e José Costa; Timponi, Brito, Orlando Carvalho, Bacco e Othello Rossi. (TESTA, 2007, p.9)

Como visto anteriormente, o primeiro campeonato entre os clubes de Juiz de Fora aconteceu em 1918, com a vitória do Sport. Porém, o Tupi disputou a primeira partida oficial em campeonatos municipais, perdendo para o Tupynambás, por 1 a 0.

Ao todo, segundo Braga (1977, p. 32), o alvinegro foi campeão juiz-forano nos anos: 1921, 1923, 1926, 1929, 1933, 1935, 1936, 1937, 1940, 1941, 1944, 1945, 1947, 1948, 1951, 1952, 1954, 1958, 1963, 1965, 1969.

O início dos anos 30 trouxe uma grande novidade para o alvinegro. Em 1932, sob a batuta do presidente Francisco Salles de Oliveira, foi inaugurado seu estádio próprio, batizado em homenagem ao mandatário carijó. Segundo Testa (2007, p. 20), foi um marco para a região, porque era o maior e mais moderno estádio na Zona da Mata Mineira. O local, tinha espaço para basquete, vôlei, pista de atletismo e salão de festas.

Testa (2007, p. 21) ressalta que a década de 1930 ficou conhecida como “Década de Ouro” do Tupi, por conta da conquista do tricampeonato municipal nos anos de 1935, 1936 e 1937. Identidade esta corroborada pelo jornalista Arides Braga, em texto na *Revista do Tupi* (1982, p. 8), onde relembra o time titular das campanhas. “Ubiratan, Tirolito e Linton; Colecionado, Edson e Magalhães; Rolando, Lage Couri, Geraldinho, depois Bidinho e Luizinho” (*Revista do Tupi*, 1982, p. 8). Em 1937, conseguiu vencer o Botafogo-RJ por 3 a 2, em um amistoso.

Os anos 40 também foram de muitas conquistas para os carijós. Em 1942, nas comemorações do trigésimo aniversário, o Tupi voltou a empatar com o Vasco em 1 a 1, no Estádio Salles de Oliveira (*Revista do Tupi*, 1982, p.10). O clube foi o maior campeão da década, vencendo seis vezes o campeonato de Juiz de Fora. Segundo Braga (1977), três dos títulos foram especiais. Em 1945, o Tupi não perdeu nenhum ponto. Já em 1947-

48, o alvinegro foi bicampeão de forma invicta. Depois do campeonato, em 1948, o clube venceu o Atlético-MG em amistoso por 2 a 1.

A década de 50 não começou bem para os carijós, que viram o rival Sport sagrar “Campeão do Centenário”. Ao longo da década, foram quatro títulos, em 1951 (invicto), 1952, 1954 e 1958. Só venceu menos que os periquitos, que levantaram o troféu municipal em cinco oportunidades. Mesmo sem ter a hegemonia na cidade, foi um período de vitórias contra grandes clubes do futebol brasileiro. “Em 1952, obtive duas vitórias sobre grandes times, ganhando do América do Rio de Janeiro, por 1 x 0 e do Cruzeiro, por 2 x 0, mesmo placar com que, quatro anos depois, vencia o Atlético Mineiro” (*Revista do Tupi*, 1982, p.10).

A década seguinte começou com a primeira vitória do Tupi no Rio de Janeiro. Em 62, o alvinegro foi enfrentar o Botafogo e venceu por 3 a 2 em General Severiano. O time que foi a campo era formado por “Hélio, Pino e Eli; Mauro, Gonzaga, Carango e Adilson; João Pires, Jorge, Murilo e Toledo” (*Revista do Tupi*, 1982, p.10).

Contudo, a grande façanha estava guardada para o biênio 65-66. No Campeonato Profissional de 1965, o Tupi não foi bem no primeiro turno, ficando em último lugar. Para reverter o quadro, contratou o técnico Geraldo Magela Tavares, para a sequência do torneio. Em entrevista à Testa (2007, p. 125), lembrou este período:

Fomos vencedores então do segundo turno, o Olympic de Barbacena ganhou o primeiro turno e o Tupi ganhou o segundo turno. A decisão do campeonato foi Olympic e Tupi, em 65, e o Tupi ganhou de 3 a 2 em Barbacena, e 4 a 0 em Juiz de Fora, e nós fomos os campeões. Como precisava de dar uma gratificação aos jogadores, o presidente do Tupi trouxe o Cruzeiro de Belo Horizonte que tinha Raul, Pedro Paulo, Willian, Procópio, Neto, Dirceu, Tostão, Evaldo, Hildo Oliveira, Zé Carlos, era um timaço, e vieram a Juiz de Fora, talvez este seja o maior momento vivido por mim no Tupi, O Cruzeiro a Juiz de Fora e perdeu para o Tupi. Nós estávamos ganhando de 3 a 0 e o jogo acabou 3 a 2. (TESTA, 2007, p.125)

Foi a partir deste jogo que começou a trajetória de vitórias contra os times da capital, que ao longo de 1966, faria com o que clube se tornasse “o Fantasma do Mineirão”.

Ao contrário de 1950, o ano de 1966 não começou nada bem para a cidade. As páginas do *Diário Mercantil* (1966) relatavam o início da decadência econômica de Juiz de Fora. Para os jornalistas, se devia a construções de novas estradas, que tiravam da cidade as principais rotas de comércio, principalmente com o Rio de Janeiro, que na época já tinha deixado de ser a capital do Brasil. Com as novas BRs, Belo Horizonte crescia cada vez mais sua influência no Estado, deixando os juiz-foranos para trás. O desejo era a criação de uma rodovia que diminuísse a distância para a capital fluminense e a BR-267, para nos conectar com o Sul de Minas, que estava se tornando um polo econômico.

A perda de protagonismo na economia estava impactando também o futebol, e a cidade já não montava grandes times como os da capital mineira. Em ambos os casos, o *Diário Mercantil* (1966) culpava os políticos e os dirigentes por terem deixado a situação chegar a este ponto.

Para piorar, 1966 começou sem terminar 1965. Uma confusão ocorrida em um dos confrontos entre Tupi e Olympic, de Barbacena, pelo retorno do Campeonato Profissional daquele ano empurrou a conclusão do certame para 1966. Segundo o *Diário Mercantil* (1966) a retomada do torneio aconteceu no dia 26 de janeiro, com o carijó vencendo por 3 a 2. Na sequência, o alvinegro bateu o Tupynambás por 3 a 0 e conquistou o título do retorno. Como noticiado no *Diário Mercantil* da edição de dois de fevereiro de 1966, a final se daria em dois jogos, se enfrentando o campeão do primeiro e segundo turno. Assim, Olympic e Tupi se enfrentaram, com o time de Santa Terezinha vencendo.

O presidente da L.D.J.F, Elias José Feres resolveu manter as doze equipes de 1965. Tupi, Tupynambás e Sport (Juiz de Fora); Andaraí, América, Olympic e Vila do Carmo (Barbacena); Social e Mineiro (Santos Dumont); Athletic e América (São João del-Rei) e Montanhês (Barroso). Seriam 132 partidas a serem disputadas ao longo do ano, em turno e retorno.

Porém, como destacado na edição do dia 25 de março de 1966 do *Diário Mercantil*, a Federação Mineira de Futebol impediu a participação dos clubes de São João del-Rei e Barroso, por questões geográficas. Desta forma, Montanhês, Athletic e América deveriam disputar o campeonato organizado pela Liga de Conselheiro Lafaiete.

No meio desta turbulência, a diretoria do Tupi, presidida por Carlos Magnavacca, pensava em uma forma de parabenizar os atletas pela conquista do Campeonato de 1965. Ao mesmo tempo, os jornalistas do *Diário Mercantil* (1966) noticiaram que Geraldo Magela Tavares, conhecido como “Geraldinho” na época, não ficaria mais no clube em 1966. Contudo, continuou à frente do comando técnico ao longo da temporada.

Na edição do dia três de março de 1966, o *Diário Mercantil* destacou a vinda do Cruzeiro à Juiz de Fora. A diretoria ia pagar Cr\$6 milhões para o a equipe celeste enfrentar o Tupi. O time da capital tinha vencido o Campeonato Belo-Horizontino de 1965 e contava com um dos melhores plantéis do Brasil, com jogadores como Dirceu Lopes, Tostão, Piazza, Hilton, Neco, Massinha, Willian, Tonho, Hilton Chaves, Vavá, Marco Antônio e o juiz-forano Zé Carlos. No dia 06 de março de 1966, o Tupi venceu o Cruzeiro por 3 a 2. A manchete do *Diário Mercantil* do dia 08 de março de 1966 destacava “O Tupi demonstrou o que vale o futebol de JF”.

Dias depois, o Tupi recebeu uma proposta para realizar um amistoso contra o Atlético-MG, no recém-inaugurado Estádio Minas Gerais, o Mineirão. Para a ida do carijó, o galo da capital pagaria Cr\$2 milhões. A quantia foi comemorada pelos jornalistas do *Diário Mercantil* (1966), que afirmaram que havia acabado a fase do “chapéu na mão”.

Na quarta-feira, dia 16 de março, o alvinegro enfrentou o Atlético-MG e conseguiu a primeira vitória de um time juiz-forano no novo estádio. O confronto terminou em 2 a 1, com dois gols de João Pires, que foi chamado de “nosso Garrincha”, na crônica da partida escrita no *Diário Mercantil* do dia 18 de março de 1966.

De tarde, peguei os jogadores, botei no ônibus e fui no Mineirão. [...] Psicologicamente achei importante. Entramos no campo e mandei todo mundo tirar os sapatos. Vamos andar descalços aqui. Primeiro que vocês vão tirar o estresse e jogar fora a energia negativa. Levamos uma bola. Brinca com a bola pra lá, pra cá. Ficamos ali uma hora. Deita agora, todo mundo olhando para o céu. Descansa, relaxa. Voltamos para o hotel, fizemos um lanche e fomos embora para o Mineirão, com 17 mil pessoas. Antes do jogo, vamos entrar juntos com o Atlético-MG. Na hora que o Atlético-MG colocar o pé na escada para chegar, nós estaremos juntos. Por quê? A torcida vai vaiaar o Tupi, mas vai vaiaar os dois. Quando nós estamos subindo o último degrau, o Murilo para. Time do Atlético-MG entra. Mandei voltar para o vestiário. Aí foi aquela bronca, aquele esporro danado. E agora, vamos entrar num pique só. E entramos, aquecendo de um lado, do outro. (Histórias de Magela, 2017)

Segundo a publicação do *Diário Mercantil* (1966), o Tupi foi a campo com Valdir, Manoel, Murilo, Dario e Valter; Mauro e França; João Pires, Vicente, Toledo e Eurico. Já o Atlético-MG jogou com Hélio, Canindé, Dari, Elci e Dawson; Corgozinho e Paulista; Adair Santana (Haroldo), Roberto, Mauro e Ronaldo.

O feito, na época, mexeu com todos em Juiz de Fora, não apenas os torcedores do Tupi. “Vibraram – e ainda estão vibrando – os torcedores carijós e a própria cidade esportiva pelo triunfo sensacional do quadro alvi-negro, seu representante e o representante do futebol de Juiz de Fora. Os que foram ao estádio ficaram eufóricos pelo triunfo”. (*Diário Mercantil*, 19 mar 1966. p.4 c.4).

Invictos na temporada, o carijó foi convidado para atuar contra o América, que tentava por fim, ser o time da capital a ganhar da equipe juiz-forana. Conforme noticiado no *Diário Mercantil* (1966), o alvinegro ia faturar Cr\$1,5 mi pela partida, e o América-MG deveria vir, posteriormente, atuar em Juiz de Fora.

O Coelho, apelido do time verde-rubro, tinha no comando técnico Iustrique, um dos principais treinadores do país e que tinha dirigido anteriormente o Flamengo. De acordo com a edição do dia 08 de abril de 1966 do *Diário Mercantil* ele recebia Cr\$ 3

milhões por mês. Para efeitos de comparação, Geraldo Magela Tavares não recebia nada para comandar o Tupi.

Então, no dia 10 de abril, o alvinegro mais uma vez fez história, e conseguiu vencer o terceiro time da capital por 2 a 1. “Tupi, derrubador de times belorizontinos. Superado o América na capital mineira” (*Diário Mercantil*, 12 abr 1966. p.4). Esta foi a capa do principal periódico local, destacando a vitória.

Segundo a mesma publicação o time do Tupi que entrou em campo era formado por Valdir, Manoel, Murilo, Dario e Valter; Mauro e França; João Pires, Toledo, Vicente (Jorge Guimarães) e Eurico (Paulino).

Mesmo com quantias consideráveis sendo oferecidas ao clube de Santa Terezinha para jogos amistosos em outros estados, a diretoria preferiu disputar um pentagonal, em Belo Horizonte, contra Cruzeiro, América-MG, Atlético-MG, Botafogo-RJ e Palmeiras-SP. Para cada confronto, o carijó ia receber Cr\$3 milhões.

E logo na primeira partida, o encontro contra um rival que o Tupi tinha vencido recentemente. Geraldo Magela Tavares relembrou este embate:

O Cruzeiro, arrumado. Airton Moreira, um baita treinador. Mineirão lotado. E aí o que acontece? Fizemos 1 a 0. O Zé Carlos (juiz-forano) estava no banco e empatou. Eu fiquei feliz com o empate, queria que o Tupi se defendesse. O time foi pra cima. No finalzinho teve um córner. Toledo bateu, deu uma confusão na área e o Mauro Lima pegou uma “varada” e 2 a 1. Ganhamos de novo! (*Histórias de Magela*, 2017)

“O Tupi não se limitou, apenas a jogar trancado, aplicando o “ferrolho”, mas sempre se mostrou ofensivo e desembaraçado, exigindo muito da retaguarda do Cruzeiro, que viu a cidadela de Tonho passar por situações bastante difíceis (*Diário Mercantil*, 19 abr 1966. p.4 c.2).

A história nos conta que, a partir das vitórias contra os três grandes de Minas, o Tupi passou a ser conhecido com o “Fantasma do Mineirão”, como relembra Geraldo Magela Tavares.

4 ● Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol

A Rádio Itatiaia tinha um comentarista que tinha o slogan “coragem para dizer a verdade”, e ele me chamou para me entrevistar. E ficou empolgado com o Tupi. “Onde você tanto jogador bom? Valdir, Manoel, Murilo, Dário e Valter; França e Mauro; João Pires, Vicente, Toledo e Eurico. Um baita time”. Aí ele falou comigo: “Isso é um fantasma! ” “Esse time é um fantasma! ” “Isso é um Fantasma do Mineirão! ” E ficou. (Histórias do Magela, 2017)

O radialista em questão se chamava Osvaldo Faria, e era comentarista titular e chefe da equipe de esportes da Rádio Itatiaia de Belo Horizonte. Pai do jornalista Bob Faria, comentarista da TV Globo e SporTV.

Porém, apesar das lembranças de Geraldo Magela Tavares e do uso do termo “Fantasma do Mineirão” em alguns periódicos da capital, o termo não chegou até as páginas do *Diário Mercantil*, principal veículo de comunicação impresso de Juiz de Fora. Outras formas de relembrar os grandes momentos vividos pelo Tupi foram utilizadas ao longo das crônicas e reportagens.

Tabela 2: Quantas vezes foram lembrados os feitos de Belo Horizonte

Mês	Citações
Maio	11
Junho	4
Julho	10
Agosto	4
Setembro	8
Outubro	2
Novembro	2
Dezembro	5
Total	46

Tabela feita pelo autor com base nas informações do *Diário Mercantil*, 2017

Para encerrar a participação no Pentagonal, o Tupi precisava enfrentar o organizador do torneio, o América-MG, que realizou o torneio em homenagem ao seu

aniversário de 54 anos de fundação. O confronto valia o título da competição, apesar do Coelho ter disputado uma partida a mais (jogaram contra o Palmeiras, ao contrário do Tupi, que não enfrentou o escrete paulista). As duas equipes vinham em um grande momento, como destacava a edição do dia 24 de abril de 1966 do *Diário Mercantil*. Os americanos venceram todos os embates. 2 a 1 em cima do Botafogo; 4 a 2 contra o Cruzeiro, e 2 a 1 sobre o Palmeiras.

Porém, o tão aguardado encontro findou a sequência invicta do Carijó em terras belo-horizontinas. O América-MG goleou por 4 a 0.

5. Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo mostrar como que a imprensa esportiva tem papel fundamental na criação de mitos e de eternizar grandes momentos da história futebolística nacional.

No caso, estudamos o Sport e o Tupi, times de Juiz de Fora, que entraram para a história por suas conquistas. E em cada uma, a imprensa estava lá, lado a lado, cobrindo. Por se tratar de clubes locais é claro que devemos ter a noção de que um “bairrismo” possa a vir existir nas matérias. Até porque, nos anos estudados, 1950 e 1966, a imprensa não era tão profissional como vemos nos dias atuais.

Mesmo assim, podemos perceber o quanto os jornalistas foram fundamentais para eternizar momentos gloriosos. No caso do Sport fica mais explícito, com o termo “campeão do centenário” sendo usado diversas vezes ao longo do ano.

Já o caso do Tupi é mais interessante. O termo “Fantasma do Mineirão” não é uma alcunha criada pelo *Diário Mercantil* e sim por um jornalista de Belo Horizonte. O estudo sobre o ano de 1966 nos traz algumas possibilidades de novos estudos, como por exemplo: quando o termo passou a ser usado pela imprensa juiz-forana? Isso é assunto para novos estudos e artigos.

O mais importante, neste caso, se torna a rememoração dos feitos na capital mineira na sequência da temporada. Por esse artigo ter um limite de tamanho, não dá para explorar todo o ano do Tupi. Mas, após a vitória sobre os três grandes em Belo Horizonte,

o clube juiz-forano é chamado para treinar com a Seleção Brasileira, que se preparava para disputar a Copa do Mundo de 1966.

Na época, o *Diário Mercantil* explicou que a escolha do Tupi se deveu à forma como a equipe jogava. Geraldinho armava o time juiz-forano para jogar na retranca, com jogadores de velocidade puxando o contra-ataque. Para a comissão técnica brasileira, era um bom exemplo para treinar os jogadores que iriam enfrentar seleções europeias mais defensivas.

O Tupi foi derrotado nos dois amistosos. Só que o feito da equipe juiz-forana ficou para sempre. E mesmo que o termo “Fantasma do Mineirão” não tenha sido usado nas páginas do *Diário Mercantil*, os feitos eram sempre lembrados. Até porque, a temporada do Galo Carijó foi ruim. O time não conquistou títulos e viu os principais rivais vencerem as partidas e os torneios.

O presente artigo, portanto, nos traz a reflexão sobre o papel da imprensa, principalmente no interior do país e também sobre como que essas conquistas são lembradas ao longo dos anos para que se perpetuem no imaginário dos torcedores, principalmente entre aqueles que não viram as equipes em campo, mas conhecem esses feitos.

O campo de estudo para a análise do jornalismo esportivo e a memória do esporte mais popular do Brasil é gigante, cabendo a nós remexer nos arquivos antigos, ouvir o relato de quem viveu esses momentos e trazer à tona a relação simbiótica entre imprensa, memória e futebol.

Referências Bibliográficas

ALVES, Diego. *Tradicional Clube de Juiz de Fora, Sport pode passar por transformação*. 01/11/2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/noticia/2013/11/tradicional-clube-de-juiz-de-fora-sport-pode-passar-por-transformacao.html>. Acesso em 13 nov 2022.

ARAUJO, Cássia Helena Vassão. **Jornalismo e esporte em Juiz de Fora: os altos e baixos dessa parceria**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2003

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos**. 2008. Dissertação (Mestrado em

Comunicação na Contemporaneidade) – Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo. 2008.

BRAGA, Arides. **Futebol, futebolistas e etc...** Juiz de Fora. Esdeva Empresa Gráfica S.A, 1977

CENTENÁRIO do Sport. *Programa Mosaico*, Juiz de Fora: TVE, 27 de setembro de 2016. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1M5A9aXAlyY>. Acesso em 14 nov 2022

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. **Apresentação**. In: História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais. Editora Unesp. 2009, p.8-12.

DEL PRIORE, Mary. “**Jogos de Cavalheiros**”: as atividades físicas antes da chegada do esporte. In: História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais. Editora Unesp. 2009, p. 13-33

Correio de Minas, Juiz de Fora, 05 abr 1889. p.1

Correio de Minas, Juiz de Fora, 01 out 1916. p.2

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 11 abr 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 18 abr 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 abr 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 16 mai 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 jun 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 13 jun 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 04 jul 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 12 jul 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 jul 1950, p.3

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 25 jul 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 29 ago 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 02 set 1950, p.4

4 ● Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 05 set 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 09 set 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 29 set 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 out 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 05 out 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 08 out 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 18 nov 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 nov 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 21 nov 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 22 nov 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 nov 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 24 nov 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 25 nov 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 26 nov 1950, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 27 jan 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 15 mar 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 18 mar 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 mar 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 mar 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 12 abr 1966, p.5

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 13 abr 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 14 abr 1966, p.4

4 ● Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 19 abr 1966, p.3

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 20 abr 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 28 abr 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 29 abr 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 03 mai 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 04 mai 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 24 mai 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 28 mai 1966, p.1

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 31 mai 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 28 jun 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 05 jul 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 12 jul 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 23 ago 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 30 ago 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 06 set 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 09 set 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 22 set 1966, p.1

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 27 set 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 25 out 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 01 nov 1966, p.3

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 17 nov 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 29 nov 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 06 dez 1966, p.4

Diário Mercantil, Juiz de Fora, 13 dez 1966, p.4

FRANZINI, Fábio. **A futura paixão nacional**: chega o futebol. In: História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais. Editora Unesp. 2009, p.71-105

FUNDAÇÃO Cásper Líbero. **Muito além dos 90 minutos**: o Esporte 24 horas!. s.d. Disponível em < <http://fcl.com.br/gazeta-esportiva/> > Acesso em: 14 de Nov de 2017

Histórias do Magela. Direção: Flávio Lins. Juiz de Fora. 2017. Formato Digital (55 min). No prelo.

MELO, Victor Andrade de. **Das touradas de cavalo e regatas**: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: História do Esporte no Brasil: do Império aos Dias Atuais. Editora Unesp. 2009, p.35-70

NEIVA, Rubens Antônio. **Da Vanguarda Industrial ao Ocaso Econômico**: História dos Jornais de Juiz de Fora. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1993.

OLIVEIRA, Paulino de. **A História de Juiz de Fora**. Juiz de Fora. Gráfica Comércio e Indústria LTDA. 2ª Edição. 1966.

RIBEIRO, Bruno. **Escola de MG tem registro de futebol antes da chegada de Charles Miller**. 23/07/2015 Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mg/zona-da-mata-centro-oeste/noticia/2015/07/escola-de-mg-tem-registro-de-futebol-no-brasil-antes-da-chegada-de-miller.html>>. Acesso em 14 de nov. 2017).

SPORT Club Juiz de Fora 90 anos (1916-2006). Produção: Sport Clube Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2006, 1 DVD (136MIN)

TESTA, Roney. **Tupi Foot Ball Club - "A repentina explosão dos carijós"**: Uma história de luta, paixão e raça. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade Salgado Filho, Juiz de Fora, 2008.